O ensino técnico em agroecologia como espaço de valorização dos saberes tradicionais do povo Mỹky

LOPES, Geraldo[1]; FILARDO, Natalia[2]
[1] Conselho Indigenista Missionário – regional Mato Grosso (CIMI-MT), natalfloresta@gmail.com; [2] CIMI-MT, gabdiasbr@yahoo.com.br

Eixo Temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: Este relato apresenta a experiência e a prática do ensino técnico em agroecologia a partir dos conhecimentos e saberes do povo Mỹky. Neste caso, o ensino técnico em agroecologia praticado pelos jovens mỹky não parte de "fora para dentro", mas quer valorizar a agricultura tradicional e buscar soluções para os novos problemas apresentados pela devastação ambiental provocado pela monocultura no entorno da terra demarcada.
Palavras-chave: Indígenas; Educação; Metodologia; Território.

Contexto

Em 2016 teve início na Escola Estadual Indígena Xinui Mỹky o Curso Técnico em Agroecologia na modalidade de Ensino Técnico Integrado a Educação profissional. Esta iniciativa, desde ao seu início, teve a colaboração técnica da educadora Elizabeth Aracy Rondon Amarante, pertencente ao Conselho Indigenista Missionário que vive junto ao povo Mỹky desde 1979 e contribui, desde a sua chegada na aldeia, no processo de escolarização mỹky, sempre defendendo o direito deste povo a uma Educação Escolar Indígena que respeitasse o modo de vida, a língua e a cultura, bem como contribuiu na elaboração de diversos materiais didáticos, livros na língua mỹky e dicionários culturais, para uso na educação. Também foi alfabetizadora na língua mỹky e na língua portuguesa da primeira geração de professores indígenas deste povo.

Em 2015 com a conclusão da turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que terminara o Ensino Fundamental, foi pensado que ao invés de oferecer o Ensino Médio Regular, esta primeira turma de jovens, a cursar o ensino médio na aldeia, pudesse cursar uma modalidade de educação que respeitasse e valorizasse os saberes tradicionais e, sobretudo, os saberes sobre a roça tradicional que envolve toda a cosmologia do povo myky. Nesta perspectiva o nome do curso foi discutido com os próprios jovens e comunidade e ficou representado pela expressão na língua myky "**MEKYNPJAHA KAAKIKA"** que quer dizer HORIZONTE ABERTO.

Este curso também se insere no paradigma de uma Educação Escolar Indígena, em que a escola não é mais um instrumento do Estado para o processo de integração dos povos indígenas na sociedade nacional, mas um instrumento que busca a autonomia, e desenvolvimento dos processos próprios de educação de cada povo.
Neste sentido as Diretrizes Curriculares Nacionais Indígenas da Educação Básica, Resolução CEB Nº 5 de 22 de junho de 2012, em seu artigo 13 e incisos I e II

asseguram uma educação tecnológica para os povos indígenas que valoriza e respeita seus modos de vida:

> Art. 13º A Educação Profissional e Tecnológica na Educação Escolar Indígena deverá articular os princípios da formação ampla, sustentabilidade socioambiental e respeito à diversidade dos estudantes, considerando-se as formas de organização das sociedades indígenas e suas diferenças sociais, políticas, econômicas e culturais, devendo:
> I - contribuir para a gestão territorial autônoma, possibilitando a elaboração de projetos de desenvolvimento sustentável e de produção alternativa para as comunidades indígenas, tendo em vista, em muitos casos, as situações de desassistência e falta de apoio para seus processos produtivos;
> II - articular-se aos projetos comunitários, definidos a partir das demandas coletivas dos grupos indígenas, contribuindo para a reflexão e construção de alternativas de gestão autônoma dos seus territórios, de sustentabilidade econômica, de segurança alimentar, de educação, de saúde e de atendimento às mais diversas necessidades cotidianas.

Na atual conjuntura e no contexto regional em que o território e consequentemente a escola mỹky está inserida, um curso técnico de agroecologia, não somente representa apenas uma formação escolar, mas também se torna, per si, um ato de resistência num contexto em que, tanto a mídia quanto os políticos não consideram as agriculturas tradicionais e seus respectivos sistemas agroalimentares e suas capacidades de produzir suficientes alimentos para suas comunidades. Ao mesmo tempo que a agroecologia, que partindo dos saberes tradicionais, inovam as tecnologias ou as readéquam ao momento presente, torna-se um movimento de resistência frente as imposições do agronegócio, sistema de predominância regional.

No decorrer da experiência, além dos objetivos colocados, foram apresentando outros a partir da situação de devastação ambiental pela monocultura intensiva no território pretendido que cada vez mais se aproxima da terra ora demarcada. Como exemplo as invasões de insetos que antes não eram percebidos pelos mỹky e que no momento é um grande desafio chegando a prejudicar a produção de roças inteiras de milho e feijões. Também é comum invasões de grandes quantidades porco do mato (mojama) e caititu (moxi) que chegam a devorar roças inteiras de mandioca e carás.

Descrição da experiência

Iniciamos o curso em abril de 2016 com bastante dificuldade, pois a Secretaria de educação do estado de Mato Grosso custou para aprovar o curso e a liberar o contrato dos professores e os recursos. Mas com muita persistência e apoio do Conselho Indigenista Missionário – Regional Mato Grosso conseguimos realizar as etapas previstas para 2016 e realizar algumas etapas em 2017 e 2018.

A metodologia adotada no curso é a Pedagogia da Alternância em que a aprendizagem parte da experiência prática e não ao contrário, dos intercâmbios e das visitas técnicas, acompanhada com reflexões teóricas (Projeto Pedagógico, 2015). Por isso, o Tempo Comunidade tem importância e é valorizado tanto quanto o Tempo

Escola. Essa metodologia vem ao encontro com a pedagogia do povo mỹky, em que a aprendizagem acontece a partir do fazer e da experiência, ou seja, aprender-fazendo. Neste sentido o estudante se torna sujeito de sua própria história e também da sua própria aprendizagem.

Nesta perspectiva, o curso busca a valorização dos saberes tradicionais e principalmente, a prática das roças de queima "coivara" como uma técnica tradicional, milenar e ecológica do povo Mỹky. Conforme afirma Altieri,

> A agricultura de *roça e queima* (coivara) é talvez um dos melhores exemplos de estratégia ecológica tradicional de manejo da agricultura nos trópicos. Ao manter um mosaico de parcelas sob o cultivo e outros de pousio, os agricultores capturam a essência dos processos naturais de regeneração do solo típica da sucessão ecológica natural (ALTIERI, 2012, p.176)

No tocante ao ensino intercultural ocorrem as aulas de manejo de algumas espécies introduzidas que requer o uso de novas técnicas, como ocorre no plantio de banana e na implantação de agrofloresta. (ver foto 2 e 3).

Interessante observar que nas práticas tradicionais estão presentes os mais velhos, mulheres e crianças, enquanto que nas práticas e manejos de novas plantas introduzidas somente os estudantes de agroecologia realizam essas atividades. Não porque é menos importante, mas a preocupação dos anciãos é que os mais jovens aprendam o modo tradicional.

Resultados

Um dos principais resultados desde o início do curso é a persistência dos estudantes em não desistir frente às dificuldades impostas pelo sistema oficial de ensino do Estado de Mato Grosso. Outro resultado é a maior participação ativa dos estudantes em vários movimentos, mostrando que a escola é o espaço de formação da cidadania. Apresentaram relato de experiência no CBA em 2017 *enfocando "As contribuições dos saberes Mỹky e os desafios para a construção de um conhecimento agroecológico numa aldeia indígena".*

Na parte técnica, os jovens estudantes tomaram a iniciativa de fazer, todos os anos, sua própria roça tradicional para praticarem além dos plantios de banana e cana de açúcar como espaços para prática e aprendizagem agroecológica. O mais importante são os próprios jovens estudantes se questionarem sobre que tipo de sistema agrícola eles querem, resistindo, juntamente com outros povos da região do noroeste do Estado de Mato Grosso, às fortes pressões do governo e do agronegócio.

Agradecimentos

Primeiramente ao povo Mỹky pela resistência frente às pressões do governo e do agronegócio e continuam cultivando sua alteridade nos ensinando que é possível um mundo pluriétnico e multicultural.

Aos professores que viajam longas distâncias porque acreditam e trabalham para o avanço da agroecologia.

Ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Elizabeth Aracy Rondon Amarante pelo apoio, presença e incentivo constante aos jovens. A Anne que, mesmo na distante América do Norte, acredita no futuro desses jovens estudantes.

A todos na certeza de que o futuro somos nós que construímos, por isso afirmamos na língua do povo Mỹky, “MEKYNPJAHA KAAKIKA”.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2012.

Resolução CNE/CEB 05 de 22 de junho de 2012: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11074-rceb005-12-pdf&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192

Foto 1. Abertura do curso Técnico em Agroecologia em 2016

Foto 2. Aula prática da disciplina de Manejo de Plantas e Animais/implantação de agrofloresta.

Foto 3. Visita técnica no sítio AGUA - Associação Guadalupe Agroecológica/Alta Floresta MT

Foto 4. Aula prática de canteiro implantação de agrofloresta